

**Genealogia acadêmica e endogenia nos programas de pós-graduação  
*stricto sensu* de turismo no Brasil**

**Academic genealogy and endogeny in *stricto sensu* tourism graduate  
programs in Brazil**

**André Fontan Köhler**

Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo, Brasil.

Professor Associado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8291-1654>  
E-mail: [afontan@usp.br](mailto:afontan@usp.br)

**Renato Eliseu Costa**

Doutorado em Políticas Públicas, Universidade Federal do ABC, Brasil.

Professor Doutor na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6722-3653>  
E-mail: [renatoeliseu@usp.br](mailto:renatoeliseu@usp.br)

**Quezia Regina Biasotti Tangioni**

Graduanda em Lazer e Turismo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil.

Bolsista (PUB USP) na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0123-7567>  
E-mail: [quezia.tangioni@usp.br](mailto:quezia.tangioni@usp.br)

**Luciano Antonio Digiampietri**

Doutorado em Ciência da Computação, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.  
Professor Titular na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4890-1548>  
E-mail: [digiampietri@usp.br](mailto:digiampietri@usp.br)

### **Emilio Fernando Pereira de Azevedo**

Especialização em Administração Pública e Gestão Governamental, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil.

Empresário (construção civil), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7046-6174>

E-mail: [emilioazevedo@usp.br](mailto:emilioazevedo@usp.br)

### **Resumo**

O artigo analisa a genealogia acadêmica e os níveis de endogenia dos 12 programas de pós-graduação *stricto sensu* afiliados à ANPTUR, com foco na formação de seus docentes credenciados e dos orientadores de doutorado deles e nos vínculos de orientação e na colocação profissional dos titulados (mestrado e/ou doutorado). A pesquisa parte da compreensão do turismo como campo científico em consolidação no Brasil, cuja estrutura de formação apresenta, ainda, traços de imobilidade e reprodução restrita de quadros (docentes e pesquisadores). A metodologia é quantitativa, com análise descritiva baseada em dados coletados manualmente, a partir de currículos Lattes de 203 docentes credenciados (dados de 21 de setembro de 2023), seus orientadores de doutorado e seus orientados (1.084 títulos de mestrado e 154 títulos de doutorado). Foram mapeadas trajetórias formativas, áreas de atuação e instituições de origem, com o cálculo de métricas de endogenia por instituição e unidade da federação. Os resultados revelam forte concentração de orientações em poucos docentes e baixa continuidade acadêmica; menos de 8% dos mestres seguiram para o doutorado, e apenas 11% desses optaram pela formação em turismo (nível: doutorado). A maioria dos egressos atua em instituições públicas de ensino superior (IES), especialmente em institutos federais. A endogenia institucional média foi de 21,18% (doutorado na mesma IES) e territorial de 40,89% (formação total ou parcial na mesma unidade da federação da IES). Conclui-se que, embora o campo tenha expandido-se, prevalecem, ainda, padrões de formação concentrados, com desafios à mobilidade acadêmica e à diversificação de vínculos, o que exige políticas públicas de fortalecimento da área e maior incentivo à circulação de saberes. A principal limitação da pesquisa é ater-se aos docentes credenciados atuais – e, por consequência, seus orientadores de doutorado e orientados –, sem considerar todo o histórico dos programas.

**Palavras-chave:** Genealogia acadêmica. Endogenia. Pós-graduação em turismo. Formação docente. Comunidade científica.

### **Abstract**

This article analyzes the academic genealogy and levels of endogeny in the twelve graduate programs (*stricto sensu*) affiliated with ANPTUR, focusing on faculty training, supervisory relationships, and the professional placement of graduates. The research stems from the understanding of tourism as a scientific field still in the process of consolidation in Brazil, with a training structure that reveals traits of immobility and restricted reproduction of academic staff (professors and researchers). The methodology is quantitative, employing descriptive analysis based on manually collected data from the Lattes curricula of 203 accredited faculty members (as of September 21, 2023), their doctoral advisors, and their own master's and doctoral students (1,084 master's and 154 doctoral titles). Training trajectories, areas of expertise, and institutional affiliations were mapped, and endogeneity metrics were calculated by institution and federative unit. The

results reveal a strong concentration of supervision among a few faculty members and low academic continuity: less than 8% of master's graduates pursued doctoral studies, and only 11% of those did so in the field of tourism. Most graduates work in public higher education institutions, particularly federal institutes. The average institutional endogeneity rate was 21.18% (doctoral degree obtained at the same institution) and 40.89% at the territorial level (partial or total training at the same institution). The study concludes that, although the field has expanded, concentrated training patterns persist, presenting challenges to academic mobility and diversification of academic ties. This scenario calls for public policies that strengthen the area and promote the circulation of knowledge across institutions. The main limitation of the research is that it focuses on current accredited faculty members – and, consequently, their doctoral advisors and advisees – without considering the entire history of the programs.

**Keywords:** Academic genealogy. Endogeny. Graduate programs in tourism. Faculty training. Scientific community.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Tribe (1997), o turismo consiste em três dimensões. A primeira delas representa o turismo como um fenômeno do mundo exterior, o qual é baseado no movimento temporário de pessoas para fora de seus ambientes habituais de residência e trabalho. Apesar de ter mais de 40 anos, a definição operacional de turismo de Mathieson e Wall (1982, p. 1, tradução nossa) é, ainda, muito utilizada: “[O turismo é] O movimento temporário de pessoas para destinos fora de seus locais habituais de trabalho e residência, as atividades realizadas durante sua estadia nesses destinos, e as instalações criadas para atender suas necessidades”.

A segunda dimensão é o estudo do turismo, o qual forma uma comunidade acadêmica. Vários autores apontam que, longe de se constituir em uma ciência ou disciplina, o turismo consiste em um campo de conhecimento, dado que ele resulta da concentração da pesquisa sobre determinado tema, fenômeno ou conjunto de práticas, recorrendo a metodologias de pesquisa e paradigmas diversos para fazer avançar o conhecimento (HENKEL, 1989).

Há já certo consenso, na literatura analítica, de que o turismo é um campo fragmentado e plural, marcado por abordagens multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares (TRIBE, 1997, 2000, 2010; OKUMUS et al., 2018).

A terceira dimensão é a educação e o treinamento em turismo, os quais englobam desde cursos de difusão, voltados ao grande público, até programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, cujos objetivos vinculam-se, tradicionalmente, à formação de professores e de pesquisadores de alto nível, conforme apontam Köhler e Digiampietri (2021, 2022a, 2023).

Desde os anos 1990, tem havido o crescimento do emprego da bibliometria e da análise de redes sociais no campo de conhecimento de turismo. Sheldon (1991) é considerado um estudo pioneiro de bibliometria no campo de turismo. Ele analisa a autoria do conjunto de artigos publicados nos então avaliados como principais periódicos internacionais de turismo (*Annals of Tourism Research*, *Tourism Research* e *Journal of Travel Research*), no que concerne a autores, suas instituições e países.

A ciência da informação centra-se na classificação, registro, organização e difusão do conhecimento e da informação, sendo composta pela biblioteconomia, pela arquivologia e pela teoria da informação; fazem parte da primeira a bibliometria e a análise de redes

sociais, conjunto de instrumentos para a análise quantitativa da informação (MOURA, 2020). Por meio de unidades de análise, como, por exemplo, referências bibliográficas, orientações de doutorado e citações recebidas, a bibliometria auxilia na descrição, caracterização e avaliação da trajetória e do estado atual de uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento, de modo geral ou em pontos específicos, a exemplo do conjunto de revistas científicas e dos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Por meio de um sistema de métricas, *rankings* e índices, a bibliometria permite, matemática e estatisticamente, avaliar a pesquisa científica, instituições, programas de pós-graduação *stricto sensu* e até mesmo países inteiros (MOURA, 2020; MOURA; FARIA, 2021; KOSEOGLU et al., 2016).

Rossi, Damaceno e Mena-Chalco (2018) apontam que as atividades de mentoria, supervisão e orientação formam parte de uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento, sendo responsáveis pela perenidade e pela evolução de instituições e de comunidades científicas. Segundo os autores, a genealogia acadêmica permite o seguinte:

Analizar os relacionamentos de orientação, sob a forma de uma estrutura genealógica (e.g., grafo ou árvore), permite um maior entendimento sobre a comunidade científica, a caracterização do acadêmico por meio de seus relacionamentos e a identificação do impacto gerado por estes acadêmicos [na] formação dessa comunidade (ROSSI; DAMACENO; MENA-CHALCO, 2018, p. 199).

A construção de árvores genealógicas permite observar as relações de orientação existentes – notadamente as de mestrado e de doutorado –, possibilitando compreender a criação e a trajetória de comunidades científicas, identificar pesquisadores-chave, mapear a formação acadêmica e a atuação profissional de seus integrantes, e levantar os principais temas de interesse (COTA; LAENDER; PRATES, 2021; OLIVEIRA et al., 2018; ROSSI; DAMACENO; MENA-CHALCO, 2018).

O objeto do presente artigo é o conjunto de 12 programas de pós-graduação *stricto sensu* membros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), tomando-se a seguinte data de referência: quinta-feira, 21 de setembro de 2023.

A pesquisa justifica-se pela capacidade de a genealogia acadêmica mapear a criação e a reprodução de uma comunidade acadêmica, o que permite analisar a formação de quadros de pesquisadores e professores e a propagação do conhecimento. Além disso, ressalta-se a questão da endogenia, dentro de um campo de conhecimento de formação recente no Brasil – o programa de pós-graduação *stricto sensu* em turismo mais antigo em atividade começou em 1997, no Brasil (Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí [PPgTH-UNIVALI]) –, o qual é formado, no que se refere à pós-graduação *stricto sensu*, por apenas 12 programas. Na literatura, nota-se certa escassez de pesquisas sobre a genealogia acadêmica e a endogenia, no que concerne ao campo de conhecimento de turismo no Brasil.

Há cinco objetivos principais, todos ligados a esse conjunto de programas. Primeiro, busca-se caracterizar o conjunto de docentes credenciados, no total e por programa. Caracteriza-se sua formação acadêmica (nível: doutorado), com área de formação e IES, assim como número de orientados (mestrado e/ou doutorado).

Segundo, busca-se caracterizar os orientadores de doutorado desses docentes, no que concerne à formação acadêmica (nível: doutorado), com área de formação e IES.

Terceiro, objetiva-se caracterizar os orientados dos docentes credenciados. No caso específico daqueles que possuem o mestrado, cumpre verificar a eventual continuidade dos estudos, no nível do doutorado; caso positivo, em qual área, IES e programa.

Quarto, busca-se compreender o que ocorre com os orientados (mestrado e/ou doutorado), após a conclusão de sua pós-graduação *stricto sensu*, no que concerne à colocação profissional.

Por fim, objetiva-se medir, individualmente e em conjunto, a endogenia dos 12 programas (IES e unidade da federação).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A comunidade científica é formada por um grupo de indivíduos, os quais têm, como ponto central em sua vida profissional, a pesquisa científica e tecnológica. Por se tratar de um campo de conhecimento, como visto anteriormente, o turismo gera uma comunidade científica centrada em seu estudo, marcada pelo pluralismo e pela fragmentação (MOURA, 2020; TRIBE, 1997; 2000; 2010; JAFARI, 1987).

Por mais que o campo de conhecimento de turismo seja, particularmente, permeável à participação de docentes e pesquisadores provenientes das mais variadas áreas de conhecimento, seu sistema de programas de pós-graduação *stricto sensu* é vital para a transmissão de conhecimento e para a formação de quadros de novos pesquisadores e docentes, assim como para o reconhecimento dos docentes credenciados e para a progressão de suas carreiras profissionais. Trata-se de algo válido não só para o turismo, mas também para comunidades científicas de todas as ciências, disciplinas e campos de conhecimento (COADIC, 1996).

Para além de sua produção científica, os programas de pós-graduação *stricto sensu* formam mestres e doutores, dos quais se espera a continuidade da pesquisa e a manutenção e renovação da comunidade científica (MOURA; FARIA, 2021).

A Genealogia Acadêmica é o estudo da relação entre orientadores e orientados, no que concerne à herança intelectual, por meio de orientações formais, notadamente em nível de mestrado e de doutorado (SUGIMOTO, 2014; DAMACENO et al., 2019). Por meio da construção de árvores genealógicas e do cálculo de métricas, a genealogia acadêmica permite avaliar e categorizar indivíduos – e, consequentemente, programas e instituições –, assim como descrever e analisar comunidades acadêmicas inteiras. Como colocam Damaceno et al. (2019), a genealogia acadêmica tem atraído crescente atenção dos pesquisadores, ao possibilitar verificar a influência da orientação sobre a carreira profissional do orientador e sobre a consolidação, renovação e perpetuação da comunidade científica.

Ao revisar a literatura de genealogia acadêmica, Damaceno et al. (2019, p. 305, tradução nossa) descrevem os tipos de estudo que têm sido feitos:

Alguns deles [estudos] correlacionam as características do orientador com o desempenho do orientado. Outros analisam a genealogia acadêmica de áreas do conhecimento ou de cientistas individuais. O estabelecimento de métricas genealógicas para avaliar a formação de recursos humanos tem sido, também, investigado. Por fim, algumas pesquisas buscam construir uma genealogia acadêmica, por meio da coleta de dados de diferentes fontes de informação.

De modo geral, a genealogia acadêmica pode ser classificada em cinco tipos, a saber:

- a) genealogia honorífica: estudo centrado em determinado indivíduo, a fim de verificar seu impacto na formação de uma comunidade acadêmica; pode ter objetivos honoríficos, a reconhecer o papel de agente-chave para determinada ciência, disciplina ou campo de conhecimento;
- b) genealogia egocentrista: estudo centrado em determinado indivíduo, com foco em seus orientadores (diretos e indiretos), a fim de identificar seus “*ancestrais*” mais importantes;
- c) genealogia histórica: estudo voltado à identificação de atores-chave de determinada comunidade científica, inclusive com a contextualização de sua formação e consolidação;
- d) genealogia paradigmática: estudo de como se dá a transferência do conhecimento científico entre as gerações, por meio da relação orientador-orientado;
- e) genealogia analítica: “[...] ferramenta para a avaliação e, por vezes, predição de padrões entre os membros de comunidades acadêmicas que são objeto de estudo. [...] os resultados desse tipo de estudo são possibilitados pela aplicação de métricas topológicas” (ROSSI; DAMACENO; MENA-CHALCO, 2018, p. 202).

É importante frisar que a genealogia acadêmica permite verificar, também, a trajetória profissional dos orientados, tanto na permanência ou saída da academia quanto, em caso de permanência, se o orientado permaneceu ou saiu de sua comunidade científica de origem.

O termo “endogenia” provém da biologia; sinônimo de esporulação, descreve o processo de reprodução de certos protozoários, o qual ocorre por meio de esporos. Na Educação e na Ciência da Informação, o termo supracitado assume caráter polissêmico, tendo muitas definições e utilizações. Contudo, é possível perceber três definições mais comuns.

Primeiro, há a definição criada por Berelson (1960), para quem a endogenia consiste no recrutamento de docentes e pesquisadores pela mesma instituição na qual eles obtiveram o título de doutor. Ou seja, um docente endógeno é aquele que trabalha na mesma instituição na qual ele obteve seu doutorado.

Segundo, a endogenia pode ser definida de acordo com os interesses de órgãos governamentais e instâncias de avaliação, a exemplo de uma revista científica ou de um programa de pós-graduação *stricto sensu*. Isso faz com que a definição do termo “endogenia” adeque-se à pauta e aos objetivos de quem o emprega.

Terceiro, o termo “endogenia” pode ser utilizado para caracterizar a produção científica de um periódico, de um programa de pós-graduação *stricto sensu*, de uma IES ou mesmo de um país inteiro. Pavan e Barbosa (2018) tomam o período 2012-2016, a fim de estudar o conjunto de artigos publicados, por parte de pesquisadores vinculados a instituições brasileiras, em revistas científicas com o sistema de acesso aberto (*open access*) – 63.847 artigos publicados em 930 periódicos disponíveis no *Web of Science Core Collection*. Segundo os autores, a maior parte desses artigos foi publicada em revistas científicas brasileiras, muitas vezes em língua portuguesa, o que leva a questionamentos acerca do financiamento público que arca com o pagamento para a publicação desses artigos – US\$ 957.75 (em média) por artigo publicado no sistema aberto. Pavan e Barbosa (2018) apontam que há alta endogenia nessa produção – autores de instituições brasileiras

publicando em periódicos brasileiros –, o que reduz o impacto desses artigos, frente à publicação em revistas científicas internacionais.

Köhler e Digiampietri (2022b) calculam a endogenia para 16 periódicos brasileiros de turismo, tomando-se os artigos publicados no período 1990-2018; de forma geral, a endogenia (instituições dos autores e instituições responsáveis pela publicação do periódico) é muito alta no primeiro ano das revistas científicas, começando a cair já no segundo ano, e chegando a valores abaixo de 20% em 2018, último ano da medição.

Acerca da primeira definição mais comumente utilizada na literatura – aquela cunhada por Berelson (1960) –, a endogenia liga-se à questão da imobilidade, e tem sido vista como algo negativo, notadamente no que concerne à produtividade. Vários estudos demonstram que docentes endógenos têm, *ceteris paribus*, mais baixo número de artigos científicos, citações e artigos publicados em revistas científicas mais bem classificadas, em relação a docentes não endógenos. Como corolário disso, IESs com alto grau de endogenia tendem a ser mais locais, menos focadas em pesquisa e mais voltadas a atividades administrativas e de ensino (TAVARES et al., 2017; HORTA et al., 2010; HORTA, 2013; EISENBERG; WELL, 2000; PELEGRINI; FRANÇA, 2020).

Por outro lado, os docentes endógenos podem apresentar vantagens, em relação aos não endógenos, como, por exemplo, a maior facilidade de colaboração com os colegas docentes e a preservação e reforço da identidade da IES, por meio da manutenção de valores, práticas, mitos e ritos (HORTA et al., 2011; PELEGRINI; FRANÇA, 2020).

Pelegrini e França (2020, p. 597-598) sintetizam os resultados alcançados para os docentes vinculados a IESs brasileiras, por meio de dados extraídos da plataforma Geocapes e da aplicação de um modelo binomial do tipo *logit hurdle*:

[...] os resultados empíricos demonstraram que os não endógenos têm maiores chances de possuir ao menos um artigo internacional e maiores probabilidades de publicações nacionais. Essa diferença pode não ser forte ou robusta o suficiente ao ponto de dizermos categoricamente que os não endógenos são mais produtivos (Smyth e Mishra 2014; Eelss e Cleveland 1935). Em relação a teses de doutorado orientadas, o resultado foi favorável para os professores formados pela mesma instituição, o que indica uma maior carga horária em atividades de ensino para esses profissionais (Horta 2013).

Marencio, Bruxel e Cate (2024, p. 6-7, grifos dos autores) discorrem sobre a formação e desenvolvimento de comunidades científicas, com base em um modelo bidimensional, composto pela titulação (dispersa e concentrada) e pela atuação profissional (concentrada e dispersa):

Etapas iniciais de formação de uma nova área de conhecimento apresentam o desafio de não dispor de quadros profissionais já treinados dentro do próprio campo emergente que se está a criar. As alternativas disponíveis são a *captação* externa através da (i) titulação internacional, importante para o desenvolvimento da pós-graduação no país até os anos 1980 (CAPES, 2010), (ii) a captação de doutores em outras áreas do conhecimento. Na sequência, a evolução institucional resultante poderá adquirir feições de *endogenia*, quando o circuito formação/profissionalização torna-se fechado - áreas titulando doutores

para atuar nas instituições da própria área. Padrão *marginal*, refere-se à situação em que a condição periférica de políticas públicas na área original condiciona a formação de programas do campo à captação externa, da mesma forma que induz a uma dispersão dos novos titulados para atuação profissional fora da área de formação. Finalmente, a *propagação* ocorre quando uma área endogenamente constituída logra expandir-se fora da disciplina de origem, em pelo menos 3 outras áreas externas representando 10% ou mais de seus titulados em cada uma.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa adota uma abordagem de natureza quantitativa, com delineamento predominantemente descritivo, ancorada em fundamentos teóricos que conferem densidade interpretativa à análise dos dados. O delineamento descritivo tem, como objetivo principal, mapear, organizar e apresentar, de forma sistemática, os atributos, padrões e recorrências observáveis nos programas de pós-graduação analisados, proporcionando uma visão abrangente e objetiva das características estruturais e relacionais do campo de conhecimento de turismo.

O caráter descritivo do estudo manifesta-se na sistematização de dados empíricos, os quais permitem compreender o estado atual do campo e suas dinâmicas reprodutivas, além de possibilitar inferências relevantes para o planejamento e a avaliação de políticas científicas e acadêmicas. O método utilizado fundamenta-se na pesquisa documental, com base em fontes secundárias oficiais e padronizadas – notadamente os currículos disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq – e estruturado em um processo de coleta manual, revisão cruzada e desambiguação de dados.

As técnicas de pesquisa adotadas incluem a análise bibliométrica e a análise de redes sociais, permitindo não apenas mensurar a produtividade e os vínculos formativos, mas visualizar, também, estruturas relacionais e fluxos de conhecimento. O tratamento dos dados foi realizado, por meio de estatística descritiva, com o uso de medidas de tendência central, frequências relativas e absolutas e cálculo de métricas específicas de endogenia. O conjunto de materiais e métodos consiste no seguinte: i) coleta de dados; ii) revisão e desambiguação de dados; iii) tratamento e análise de dados, por meio de estatística descritiva; e iv) cálculo da endogenia, o qual será, adiante, mais bem detalhado.

A amostra da pesquisa é composta pelos doze programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo afiliados à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), conforme listagem oficial consultada em 21 de setembro de 2023. Trata-se de uma amostra intencional, a qual abrange a totalidade dos programas formalmente reconhecidos no campo; isso confere à investigação um caráter censitário, no âmbito específico da pós-graduação em turismo no Brasil.

Para cada um desses programas, trabalhou-se com o seguinte: i) conjunto de docentes (permanentes e colaboradores); ii) conjunto de orientadores dos docentes (orientadores dos orientadores); e iii) conjunto de orientados dos docentes (mestrado e doutorado). Que se note que não se trabalha, na presente pesquisa, com todas as relações de orientação derivadas dos programas supracitados, mas apenas com aquelas dos docentes atuais.

Para cada programa, foram considerados os docentes permanentes e colaboradores, totalizando 203 docentes, além de seus respectivos orientadores de doutorado e orientados de mestrado e doutorado. Ao todo, foram analisadas 1.084 orientações de mestrado e 154 de doutorado, a partir das quais se estruturaram os dados utilizados na análise genealógica

e nos cálculos de endogenia. A inclusão dos dados de orientação, formação e trajetória profissional de orientadores e orientados permitiu ampliar a compreensão não apenas da composição interna de cada programa, mas também de suas relações externas e redes de circulação de saberes.

Com base nos dados coletados e métricas calculadas, o presente artigo apresenta uma análise quantitativa dos 12 programas de pós-graduação *stricto sensu* afiliados à ANPTUR, individualmente e em conjunto.

Trata-se de uma pesquisa de genealogia acadêmica, a qual combina elementos da genealogia histórica e da genealogia analítica, a seguir a tipologia de Rossi, Damaceno e Mena-Chalco (2018), além de contemplar outros pontos, como, por exemplo, a trajetória profissional dos orientados.

### **3.1 Coleta de dados**

A pesquisa bibliométrica parte, sempre, de um banco de dados, o qual pode ser já existente ou montado para determinada pesquisa (MOURA, 2020). Na Plataforma Lattes, há registros dos professores e pesquisadores atuantes no Brasil – e mesmo de indivíduos sediados em países estrangeiros –, com ampla gama de dados e informações (formação acadêmica, atuação profissional, produção científica, orientações etc.). Contudo, dado que cada indivíduo preenche seu próprio currículo, a extensão de dados acaba por ser, muitas vezes, dificultada, devido à falta de padronização e à omissão de dados e informações (MOURA; FARIA, 2021; ROSSI; DAMACENO; MENA-CHALCO, 2018).

Foi consultada a lista de todos os programas de pós-graduação *stricto sensu* afiliados à ANPTUR. Para cada um dos 12 programas encontrados, entrou-se em seu sítio eletrônico oficial, tendo sido feita a coleta manual dos nomes de seus docentes (permanentes e colaboradores).

De posse desses nomes, entrou-se no CV Lattes de cada docente, com o recolhimento dos seguintes dados: i) nome completo; ii) ID Lattes; iii) instituição (local de trabalho); iv) formação acadêmica – bacharelado, mestrado, doutorado e especialização, com nome do curso, ano de conclusão, orientador (com seu ID Lattes) e IES; e v) orientações concluídas com sucesso (mestrado e doutorado), com nome do orientado e seu ID Lattes. Os dados do vínculo a cada programa de pós-graduação *stricto sensu* foram retirados de seus sítios eletrônicos.

Os mesmos procedimentos de coleta de dados foram feitos para os orientados desses docentes, mas só para os titulados em um dos 12 programas, e sem considerar eventuais orientações realizadas por esses orientados.

Por fim, foi feita a coleta de dados dos orientadores de doutorado dos docentes, utilizando-se dos mesmos procedimentos de coleta, mas com o seguinte recolhimento simplificado: i) nome completo; ii) ID Lattes; iii) instituição (local de trabalho); iv) formação acadêmica – doutorado, com nome do curso, ano de conclusão, orientador (com ID Lattes) e IES.

Para todos os indivíduos, foi registrada a data da última atualização do CV Lattes. Para todas as firmas e instituições, foram colocados sua unidade da federação (apenas para o Brasil) e país.

### **3.2 Revisão e desambiguação de dados**

Com o banco de dados montado em planilha de MS-Excel, partiu-se para a etapa de revisão e desambiguação de dados. Primeiro, foi feita a revisão do conjunto de dados

coletados, sempre por pessoa diferente de quem executou a coleta. Depois, partiu-se para a desambiguação dos dados, por meio de listas consolidadas para cada tipo de dado recolhido.

Na desambiguação, um ponto importante foi ter alocado, corretamente, alguns orientados que constavam no CV Lattes de mais de um docente. Isso foi resolvido, por meio da consulta à dissertação de mestrado ou tese de doutorado do orientado em questão.

### **3.3 Tratamento e análise de dados**

O conjunto de dados revisados e desambiguados foram reunidos em planilhas de MS-Excel. Para além dos cálculos da endogenia, foi utilizada estatística descritiva, notadamente cálculo de média, moda e mediana, levantamento de frequência (com porcentagem sobre o total) e verificação de existência (pelo menos uma ocorrência).

### **3.4 Cálculo da endogenia**

Além da utilização de estatística descritiva, foi calculada a métrica da endogenia acadêmica, entendida como a prática por meio da qual uma IES forma e absorve seus próprios docentes, ou seja, o quanto de seus docentes realizaram, pelo menos, parte de sua formação acadêmica na IES na qual atuam.

Para cada um dos 12 programas, a endogenia foi mensurada, por meio da relação entre o número de docentes com formação acadêmica na IES que sedia o programa e o número total de docentes credenciados nele. Na consideração da formação acadêmica, utilizaram-se dois cortes, a saber: i) apenas o doutorado; e ii) o conjunto formado por bacharelado/licenciatura, especialização, mestrado e/ou doutorado. O cálculo foi repetido, também, em níveis mais amplos, considerando a unidade da federação (UF) e o país da IES de cada programa.

A endogenia 1 é calculada pela divisão do número de docentes credenciados do respectivo programa que fizeram doutorado na IES do programa pelo número total de docentes credenciados no programa.

A endogenia 2 é calculada pela divisão do número de docentes do respectivo programa que fizeram, pelo menos, uma de suas formações (bacharelado/licenciatura, especialização, mestrado e/ou doutorado) na IES do programa pelo número total de docentes credenciados no programa.

A endogenia 3 é calculada pela divisão do número de docentes do respectivo programa que fizeram doutorado na mesma UF da IES do programa pelo número total de docentes credenciados no programa.

A endogenia 4 é calculada pela divisão do número de docentes do respectivo programa que fizeram ao menos uma de suas formações (bacharelado/licenciatura, especialização, mestrado e/ou doutorado) na mesma UF da IES do programa pelo número total de docentes credenciados no programa.

## **4 RESULTADOS – DESCRIÇÃO E ANÁLISE**

A descrição e análise dos resultados contempla o conjunto e cada um dos 12 programas de pós-graduação *stricto sensu* filiados à ANPTUR, a saber: i) Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará (MPGNT-UECE); ii) Mestrado Profissional em Gestão do Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (MPGT-IFS); iii) Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

(PPgEC-UNIRIO); iv) Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade - Mestrado e Doutorado da Universidade Anhembi Morumbi (PPgHMD-UAM); v) Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco (PPgHT-UFPE); vi) Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (PPgT-USP); vii) Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (PPgTH-UCS); viii) Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (PPgTH-UNIVALI); ix) Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto (PPgTP-UFOP); x) Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense (PPgT-UFF); xi) Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo da Universidade Federal do Paraná (PPgMT-UFPR); e xii) Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgMDT-UFRN).

O Quadro 1 traz informações básicas acerca de cada um dos 12 programas.

A presente seção é subdividida em sete subseções, a saber: i) quadro geral dos programas de pós-graduação *stricto sensu*; ii) docentes credenciados – formação acadêmica; iii) orientadores dos docentes credenciados – formação acadêmica; iv) orientados dos docentes credenciados – mestrado e eventual continuidade dos estudos; v) orientados dos docentes credenciados – mestrado e/ou doutorado e colocação profissional; vi) docentes credenciados – *ranking* de orientação; e vii) docentes credenciados – endogenia.

É importante destacar, na leitura dos dados e análises, que o total varia, de cálculo a cálculo, em virtude da indisponibilidade de alguns dados. Por exemplo, há 1.084 mestrados concluídos; todavia, não foi possível identificar a colocação profissional de alguns orientados. Para outros, foi possível obter esse dado, mas não a unidade da federação do trabalho.

#### **4.1 Quadro geral dos programas de pós-graduação *stricto sensu***

Os 12 programas contavam com 203 docentes credenciados, dos quais dois com credenciamento em mais de um programa – André Riani Costa Perinotto e Verônica Feder Mayer. Esse grupo de docentes credenciados tinha orientado 1.084 mestrados e 154 doutorados (concluídos com sucesso). Todavia, 55 desses docentes não tinham, até então, concluído com sucesso nenhuma orientação de doutorado nem sequer de mestrado. Cerca de dois terços deles não tinham, ainda, concluído com sucesso uma orientação de doutorado.

A Tabela 1 sintetiza os 12 programas sob análise, no que concerne ao número de docentes credenciados e de mestrados e doutorados concluídos com sucesso. Apesar de haver, apenas, 203 docentes, o número total é igual a 205, em virtude de André Riani Costa Perinotto e Verônica Feder Mayer estarem, cada um, em dois programas.

O primeiro ponto que chama a atenção é o fato de a maior parte dos programas ter entre 15 e 20 docentes, inclusive. Os quatro programas fora dessa faixa estão próximos do limite inferior (MPGNT-UECE e PPgMT-UFPR) ou do limite superior (PPgEC-UNIRIO e PPgTP-UFOP, com 22 docentes cada um). Apesar disso, o número de orientações varia muito, de programa a programa.

**Quadro 1 – Programas de pós-graduação *stricto sensu* afiliados à ANPTUR (dados básicos)**

Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i>	Instituição de Ensino Superior	Possui o Doutorado?	Tipo do Programa	Ano de Início - Mestrado	Ano de Início - Doutorado
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos	Universidade Estadual do Ceará	Não	Profissional	2012	
Mestrado Profissional em Gestão do Turismo	Instituto Federal de Educ., Ciênc. e Tecn. de Sergipe	Não	Profissional	2016	
Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Não	Profissional	2016	
Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade - Mestrado e Doutorado	Universidade Anhembi Morumbi	Sim	Acadêmico	2002	2015
Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo	Universidade Federal de Pernambuco	Não	Acadêmico	2017	
Programa de Pós-Graduação em Turismo	Universidade de São Paulo	Sim	Acadêmico	2014	2019
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade	Universidade de Caxias do Sul	Sim	Acadêmico	2000	2015
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajai	Sim	Acadêmico	1997	2013
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio	Universidade Federal de Ouro Preto	Não	Acadêmico	2021	
Programa de Pós-Graduação em Turismo	Universidade Federal Fluminense	Não	Acadêmico	2015	
Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo	Universidade Federal do Paraná	Não	Acadêmico	2013	
Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Turismo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Sim	Acadêmico	2008	2014

Fonte: Elaboração própria, 2025.

**Tabela 1 – Programas de pós-graduação *stricto sensu* afiliados à ANPTUR (docentes e orientações concluídas)**

Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i>	Instituição de Ensino Superior	Docentes Credenciados	% sobre o total	Mestrados Concluídos	% sobre o total	Doutorados Concluídos	% sobre o total
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos	Universidade Estadual do Ceará	13	6,34%	195	17,99%	0	0,00%
Mestrado Profissional em Gestão do Turismo	Instituto Federal de Educ., Ciênc. e Tecn. de Sergipe	20	9,76%	45	4,15%	0	0,00%
Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	22	10,73%	31	2,86%	0	0,00%
Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade - Mestrado e Doutorado	Universidade Anhembi Morumbi	15	7,32%	150	13,84%	18	11,69%
Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo	Universidade Federal de Pernambuco	13	6,34%	31	2,86%	0	0,00%
Programa de Pós-Graduação em Turismo	Universidade de São Paulo	19	9,27%	68	6,27%	8	5,19%
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade	Universidade de Caxias do Sul	17	8,29%	127	11,72%	19	12,34%
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajai	16	7,80%	158	14,58%	59	38,31%
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio	Universidade Federal de Ouro Preto	22	10,73%	15	1,38%	0	0,00%
Programa de Pós-Graduação em Turismo	Universidade Federal Fluminense	15	7,32%	71	6,55%	0	0,00%
Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo	Universidade Federal do Paraná	13	6,34%	54	4,98%	0	0,00%
Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Turismo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	20	9,76%	139	12,82%	50	32,47%
<b>TOTAL</b>		<b>205</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.084</b>	<b>100,00%</b>	<b>154</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaboração própria, 2025.

No caso do mestrado, três programas concentram quase a metade das orientações concluídas com sucesso – MPGNT-UECE (195), PPgTH-UNIVALI (158) e PPgHMD-UAM (150). No primeiro caso, o número expressivo depende, sobremaneira, de Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano, a qual responde, individualmente, por 79 orientações (40,5% de seu programa e 7,3% do total). Isso significa que, em média, essa pessoa responde pela orientação de uma em cada 13 dissertações de mestrado concluídas com sucesso, dentro de um universo com 12 programas e 203 docentes credenciados.

Não obstante seu alto número de orientações de mestrado (79), é difícil de imaginar a ocorrência desse tipo de concentração (em porcentagem) em áreas mais consolidadas, no que concerne à pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, a exemplo de Administração, Direito e Medicina. Nos casos do PPgTH-UNIVALI e PPgHMD-UAM, a orientação é mais fragmentada, sem tanto destaque individual a um docente específico.

De todo modo, esses três programas (MPGNT-UECE, PPgTH-UNIVALI e PPgHMD-UAM) ocupam nove das 10 primeiras posições no ranking de docentes com mais orientações de mestrado – a exceção é Susana de Araújo Gastal (Universidade de Caxias do Sul).

Há, apenas, cinco programas com, pelo menos, um doutorado concluído com sucesso; dos 154 títulos concedidos, 70,8% são do PPgTH-UNIVALI e do PPgMDT-UFRN. No primeiro caso, há certo paralelo com a concentração de orientações em um docente, vista no mestrado. Francisco Antonio dos Anjos responde por 20 orientações de doutorado – 33,9% do PPgTH-UNIVALI e 13% do total. Assim como no mestrado, há um nível de concentração de orientações, em um único docente, o qual é difícil de encontrar em áreas mais consolidadas. O baixo número de doutorados e de orientações concluídas com sucesso em alguns programas (inclusive devido à criação recente) explicam essa concentração.

Para o PPgMDT-UFRN, o docente credenciado com mais orientações de doutorado (Francisco Fransualdo de Azevedo) tem, apenas, sete concluídas – 14% de seu programa e 4,5% do total.

Mais do que os números dos programas em si, chama a atenção o baixo ou mesmo inexistente número de orientações de mestrado e de doutorado, para grande parte dos 203 docentes. Há, apenas, 15 docentes com mais de 20 orientações. Com mediana de orientações por docente igual a quatro e média igual a 5,34, a orientação é, notadamente, fragmentada, por mais que, no topo, haja pessoas com número expressivo de orientações (Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano [mestrado] e Francisco Antonio dos Anjos [doutorado]).

Chama, também, a atenção a presença de 55 docentes credenciados sem nenhuma orientação (mestrado ou doutorado). Por mais que eles estejam distribuídos por todos os programas, seu número e percentual sobre o total variam, significativamente. Os três programas com mais docentes credenciados sem nenhuma orientação concluída com sucesso (percentual sobre o total) são o PPgTP-UFOP (13 de 22 docentes – 59,1% do total), o PPgEC-UNIRIO (nove de 22 – 40,9%) e o PPgHMD-UAM (cinco de 15 – um terço). Nos dois primeiros casos, trata-se de programas novos, em relação ao campo; no segundo, o resultado deriva da renovação recente de parte de seu corpo docente.

De outro lado, os dois programas com menos docentes credenciados sem nenhuma orientação concluída com sucesso (percentual sobre o total) são o PPgT-UFF (um de 15 – 6,7%) e o MPGNT-UECE (um de 13 – 7,7%).

## **4.2 Docentes credenciados – formação acadêmica**

Para o conjunto de docentes, foi possível identificar o total de 258 títulos de bacharelado/licenciatura, 207 de mestrado (acadêmico ou profissional) e 209 de doutorado, além de 148 diplomas derivados de programas de pós-graduação *lato sensu* (nível: especialização).

Por mais que, de forma geral, a formação dos 203 docentes seja, em certa medida, heterogênea, é possível identificar algumas áreas de destaque, principalmente quando se verifica, individualmente, cada programa. A Tabela 2 traz um resumo da formação dos 203 docentes – bacharelado/licenciatura, mestrado e doutorado.

No bacharelado/licenciatura, mais da metade dos títulos derivam, apenas, de quatro formações, a saber: i) Turismo – 74 títulos (28,7% do total); ii) Administração – 32 (12,4%); iii) Geografia – 22 (8,5%); e iv) Ciências Biológicas – 18 (7%). Ou seja, mais de 40% dos títulos proveem de Turismo e de Administração, pertencentes às Ciências Sociais Aplicadas, as quais possuem, via de regra, claro direcionamento ao mercado, ao passo que a Geografia e as Ciências Biológicas têm estreita relação com o estudo e pesquisa do meio ambiente, não se ligando, via de regra, ao mercado de turismo, visto sob uma perspectiva empresarial e de negócios.

Do lado das ausências, nota-se a escassez de formações ligadas às grandes áreas Ciências Agrárias, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Linguística, Letras e Artes. Há, apenas, um título em Administração Pública, área muito importante para o turismo, tendo-se em vista o papel do poder público na promoção e gestão de destinos turísticos e as políticas públicas voltadas aos impactos causados pelo fenômeno.

No mestrado, quase dois quintos dos títulos derivam da Administração, da Geografia e do Turismo. É interessante notar que a Hospitalidade – área correlata ao Turismo – tem, apenas, sete títulos, abaixo de História (nove). A escassez dessa formação no Brasil – há, apenas, um programa de pós-graduação *stricto sensu* dedicado à Hospitalidade, por mais que ela esteja presente em linhas de pesquisa de cursos de turismo – gera, consequentemente, poucos docentes formados nessa área. A formação em Estudos do Lazer tem, apenas, um título, o que reflete, também, a escassez de programas de pós-graduação *stricto sensu* nessa área, no Brasil.

Do lado das ausências, repetem-se as formações ligadas às cinco grandes áreas para o bacharelado/licenciatura (Ciências Agrárias, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Linguística, Letras e Artes). Dentro de um quadro geral de formação mais fragmentada, em relação ao verificado para o bacharelado/licenciatura, nota-se o crescimento da formação em Educação (de zero para sete títulos). É, no mínimo, “curiosa” a lacuna da formação em Educação no bacharelado/licenciatura, dada a crescente importância da educação para o turismo e o crescimento verificado na pós-graduação *stricto sensu* em turismo no Brasil, nas últimas décadas.

O fato de o Turismo (17 títulos) estar atrás de Administração (36) e de Geografia (26) pode não significar pouco interesse nesse mestrado; em muitas grandes regiões brasileiras, havia, até os anos 2000, escassez de programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, situação que se mantém, até a atualidade, no Norte e no Centro Oeste, assim como em algumas unidades da federação do Nordeste e do Sul.

**Tabela 2 – Formação acadêmica dos docentes credenciados –  
bacharelado/licenciatura, mestrado e doutorado**

<b>Área de Formação - Bacharelado/Licenciatura</b>	<b>Número de Títulos</b>	<b>% sobre o total</b>
Turismo	74	28,68%
Administração	32	12,40%
Geografia	22	8,53%
Ciências Biológicas	18	6,98%
História	12	4,65%
Economia	9	3,49%
Pedagogia	9	3,49%
Outras	82	31,78%
<b>Total</b>	<b>258</b>	<b>100,00%</b>
<b>Área de Formação - Mestrado</b>	<b>Número de Títulos</b>	<b>% sobre o total</b>
Administração	36	17,39%
Geografia	26	12,56%
Turismo	17	8,21%
História	9	4,35%
Hospitalidade	7	3,38%
Ecologia	5	2,42%
Outras	107	51,69%
<b>Total</b>	<b>207</b>	<b>100,00%</b>
<b>Área de Formação - Doutorado</b>	<b>Número de Títulos</b>	<b>% sobre o total</b>
Administração	30	14,35%
Geografia	28	13,40%
Turismo	14	6,70%
História	11	5,26%
Educação	10	4,78%
Engenharia de Produção	10	4,78%
Outras	106	50,72%
<b>Total</b>	<b>209</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaboração própria, 2025.

No doutorado, quase metade dos títulos derivam de seis formações – Administração, Geografia, Turismo, História, Educação e Engenharia de Produção. No caso do Turismo, repete-se, provavelmente, o verificado no mestrado, ainda com mais intensidade – a escassez de programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo. Havia, apenas, quatro doutorados (PPgT-USP, PPgTH-UCS, PPgTH-UNIVALI e PPgMT-UFRN) em funcionamento, além do PPgHMD-UAM (Hospitalidade).

O quadro geral da formação dos docentes revela alguns pontos que merecem ser destacados. Primeiro, há formações importantes (no sentido de quantidade de títulos) em todos os níveis – Administração, Geografia e Turismo. Trata-se de resultados esperados, tendo em vista a pesquisa realizada no Brasil, nas últimas décadas, e a contribuição da geografia e da administração para o estudo e a pesquisa em Turismo, desde os anos 1960 (TURNER; ASH, 1976; DE KADT, 1979). Integrante das Ciências Sociais Aplicadas, o Turismo tem grande parte de seu ensino e pesquisa ligados ao mercado, notadamente às atividades das firmas turísticas.

Por outro lado, tendo como bases – dentre outras – o deslocamento temporário de pessoas e o uso extensivo da terra, o turismo constitui-se, há décadas, em fenômeno de particular interesse para a Geografia.

Desse modo, o destaque para essas três formações, no bacharelado/licenciatura, mestrado e doutorado, não representa nenhuma surpresa, sendo um resultado esperado da presente pesquisa.

Segundo, há formações que se destacam, apenas, em um ou em dois níveis, casos de Ciências Biológicas (bacharelado/licenciatura), de Educação (doutorado) e de História (mestrado e doutorado). No primeiro caso, é provável que o encaminhamento da formação tenha dado-se em áreas ligadas ao estudo do meio ambiente, como, por exemplo, Geografia e Ecologia. No segundo e no terceiro casos, pode-se supor que a formação (doutorado) em Educação ou em História ligue-se à pesquisa sobre temas afins a essas áreas, sem haver uma relação específica com o bacharelado/licenciatura nem sequer com o mestrado feitos pelo docente credenciado em questão.

No caso da pós-graduação *lato sensu*, as várias formações em Administração, Gestão e Gerenciamento reúnem 42 títulos, os quais representam 28,4% do total. Nenhuma outra formação destaca-se.

A verificar o nível de doutorado, percebe-se que, dos 12 programas, nove não apresentam nenhuma formação “dominante”, a qual responda, pelo menos, por mais de dois quintos de seus docentes credenciados. Há, apenas, três programas com tal concentração na formação (nível: doutorado).

O PPgEC-UNIRIO possui, nos três níveis de formação (bacharelado/licenciatura, mestrado e doutorado), clara predominância de áreas ligadas ao estudo e à pesquisa do meio ambiente. Isso ocorre no bacharelado/licenciatura, com Ciências Biológicas (13 de 25 títulos), no mestrado, com Ciências Biológicas, Ciências Ambientais e Ecologia (12 de 22), e no doutorado, com Ciências Biológicas, Ecologia e Botânica (18 de 22).

Trata-se de uma formação direcionada, em todos os níveis, ao estudo e pesquisa do meio ambiente, o que se reflete, provavelmente, na pesquisa feita dentro do programa, em relação aos demais. Todavia, os materiais e métodos da presente pesquisa não permitem essa verificação.

O PPgHT-UFPE tem, no doutorado, oito dos 13 títulos em Administração, ao passo que o MPGT-IFS tem oito de seus 20 títulos de doutorado em Geografia. Para cada um desses casos, a formação no doutorado é “dominada” por uma instituição de ensino superior específica, como será visto, adiante.

### 4.3 Orientadores dos docentes credenciados – formação acadêmica

A considerar o bacharelado/licenciatura, o mestrado, o doutorado e a pós-graduação *lato sensu* (nível: especialização), o conjunto de docentes têm 506 orientadores. Essa subseção tem, como foco, os orientadores desses docentes no nível de doutorado, passando antes, rapidamente, pelos outros níveis de formação.

No bacharelado, a única orientadora com mais de uma orientação é Flávia Deucher Sécca, com duas orientações. Ela não possui nenhuma orientação nos três outros níveis de formação.

No mestrado, a pessoa com mais orientações é Marta de Azevedo Irving, com três – ela é, também, docente credenciada. Na pós-graduação *lato sensu*, os orientadores com mais orientações são Salete Mocelin Rebelo, Osmar de Souza, Gladis Lúcia Maddalozzo, Márcia Maria Cappellano dos Santos e Edison Rodrigues Barreto Junior (duas para cada um).

A considerar todos os níveis de orientação, há 30 pessoas que são, simultaneamente, docentes credenciados e orientadores de docentes credenciados. Trata-se de algo esperado, dado que os programas de pós-graduação *stricto sensu* costumam formar, notadamente no nível de doutorado, parte de seus futuros docentes. Não há nada que sinalize que isso não ocorreria no campo de conhecimento de turismo.

A considerar os orientadores com mais docentes credenciados orientados, Francisco Antonio dos Anjos destaca-se, com cinco, seguido por Marta de Azevedo Irving, Mirian Rejowski, Salomão Alencar de Farias, José Wellington Carvalho Vilar, Márcia Maria Cappellano dos Santos, Mario Carlos Beni e Wayne Thomas Enders (três cada um).

Para o conjunto de docentes dos 12 programas, foi possível identificar 167 orientadores de doutorado; para 164 deles, foi possível coletar dados sobre sua formação (nível: doutorado).

No que concerne à área de formação, os doutorados dos orientadores guardam semelhança com os dos docentes, tendo-se em vista as mais importantes. As duas formações (nível: doutorado) mais presentes no conjunto de orientadores são, assim como no caso dos docentes (mas com troca de posições), a Geografia (23 títulos – 14% do total) e a Administração (16 – 9,8%), seguidas pela Engenharia de Produção (13 – 7,9%), Ciências da Comunicação (11 – 6,7%), História (11 – 6,7%) e Educação (nove – 5,5%). O restante das formações – em conjunto, pouco menos da metade do total (49,4%) – é, notadamente, fragmentada. Todavia, é visível a escassez de formações ligadas às grandes áreas Ciências Agrárias, Ciências da Saúde e Ciências Exatas e da Terra. A formação predominante liga-se, para o conjunto de orientadores, às Ciências Sociais e às Ciências Sociais Aplicadas.

Tomando, individualmente, os 12 programas, há, apenas, dois nos quais uma determinada formação (nível: doutorado) dos orientadores destaca-se. Há, aqui, certo paralelismo com a mesma análise feita para a formação dos docentes. Para o PPgEC-UNIRIO, destacam-se as formações ligadas ao estudo e pesquisa do meio ambiente (Ecologia, Biologia, Geociências etc.) – 13 dos 20 títulos. Para o PPgHT-UFPE, cinco dos nove títulos de doutorado dos orientadores são em Administração.

No que concerne à IES de formação (nível: doutorado) dos orientadores dos docentes credenciados, destaca-se, apenas, a Universidade de São Paulo (41 de 164 títulos – 25% do total) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (10 – 6,1%). Tomando cada programa como unidade de análise, há, apenas, uma IES que se destaca, a Universidade de São Paulo, em três casos. Ela responde por 10 dos 13 títulos do PPgHMD-UAM, seis dos 13 do PPgT-USP e cinco dos 15 do PPgTH-UCS.

Por fim, quando olhamos os países e as unidades da federação (Brasil) das IESs nas quais os orientadores fizeram seu doutorado – foi possível identificar isso para 162 dos 164 títulos –, verificam-se 112 registros para o Brasil e 50 registros para países estrangeiros. No Brasil, a seguir as instituições de destaque, vistas anteriormente, as unidades da federação mais importantes são São Paulo (66 de 112 títulos – 58,9% do total) e Rio de Janeiro (16 – 14,3%). No caso do Brasil, é clara a concentração passada do doutorado em poucas unidades da federação – somadas, as grandes regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste têm, apenas, sete títulos de doutorado dos orientadores dos docentes. Dessas grandes regiões, só o Estado de Pernambuco conta com mais de um título; no caso, são dois.

No caso dos países estrangeiros, destacam-se a França (17 títulos), os Estados Unidos da América (nove), a Espanha (sete), o Reino Unido (seis) e a Alemanha (cinco). Dos 50 títulos, há, apenas, um proveniente de IES de fora da América do Norte e da Europa Ocidental, a saber: Universidade de São Petersburgo, Rússia.

#### **4.4 Orientados dos docentes credenciados – mestrado e eventual continuidade dos estudos**

No que concerne à orientação, o conjunto de 203 docentes nos 12 programas tem 1.084 títulos de mestrado (1.042 pessoas únicas) e 154 títulos de doutorado (152 pessoas únicas). A considerar o conjunto de títulos de mestrado e de doutorado, há, no total, 1.149 pessoas únicas. Como visto, anteriormente, a Tabela 1 sintetiza os mestrados concluídos e os doutorados concluídos, por programa e no total, além do número de docentes.

O número de mestrados concluídos e de doutorados concluídos reflete, para cada programa, seu tempo de funcionamento e sua quantidade de docentes. Para o mestrado, a maioria dos programas tem, cada um, dezenas de dissertações defendidas com sucesso. A exceção é a Universidade Federal de Ouro Preto, com 15 títulos. Trata-se do programa com criação mais recente do conjunto sob análise – 02 de agosto de 2021.

Na presente subseção, busca-se responder o seguinte: para os orientados de mestrado, há a continuidade dos estudos, na forma de doutorado? Se sim, em qual área, IES, unidade da federação e país? Há diferenças significativas, de um programa para outro?

Primeiro, cumpre dividir os 12 programas em dois grupos. O primeiro grupo consiste em sete programas, os quais contam, cada um, com menos de cinco egressos do mestrado que fizeram, independentemente de área de formação e de IES, o doutorado. São eles os seguintes: i) MPGT-IFS (um doutorado); ii) PPgEC-UNIRIO (um); iii) PPgHT-UPE (um); iv) PPgT-USP (dois); v) PPgTP-UFOP (um); vi) PPgT-UFF (dois); e vii) PPgMT-UFPR (quatro).

Dado que há, para cada um desses programas, baixo número de doutorados, casos isolados têm grande peso – ou se constituem em 100% da amostra. Desse modo, não faz sentido proceder, para cada programa, a análise das principais áreas de formação, IESs, unidades da federação e países do(s) doutorado(s). Para quatro dos programas supracitados, um caso constitui-se em toda a amostra.

Para os outros cinco programas, há número mais alto de doutorados, a saber: i) MPGNT-UECE (12 doutorados para 195 mestres formados – 6,1% do total); ii) PPgHMD-UAM (18 para 150 – 12%); iii) PPgTH-UCS (16 para 127 – 12,6%); iv) PPgTH-UNIVALI (19 para 158 – 12%); e v) PPgMT-UFRN (14 para 139 – 10,1%). Para esses cinco programas, é possível verificar alguns pontos em comum, assim como exceções à regra.

Para quatro dos cinco programas, a porcentagem de mestres titulados com doutorado gira em torno de 12%. A exceção é o MPGNT-UECE, o único desses cinco programas que é um mestrado profissional – e não acadêmico –, e não tem o doutorado, por mais que tenha sido criado em 2012. Isso explica, provavelmente, o baixo número de doutores, dentro de seu conjunto de mestres titulados. Outro ponto a frisar é a presença de muitos funcionários públicos da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará e da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, fruto de convênios entre essas duas instituições e a Universidade Estadual do Ceará. A verificação dos currículos Lattes desses mestres revela a não continuidade dos estudos – a quase totalidade desses funcionários públicos não fez o doutorado.

Para dois desses cinco programas, há o destaque de uma área de formação específica, no sentido de mais de um quinto dos títulos ter sido feito nela. Para o PPgTH-UNIVALI, a Geografia responde por oito dos 19 doutorados (42,1% do total), ao passo que, para o PPgMT-UFRN, o Turismo é a formação de cinco dos 14 doutorados de quem lá fez o mestrado (35,7%). É interessante notar como o PPgMT-UFRN constitui-se em exceção, no que concerne à importância do Turismo nos títulos de doutorado, quando comparado com qualquer outro programa ou com o conjunto de 12 sob análise. Trata-se de um

resultado inesperado, a saber: para a continuidade dos estudos no doutorado, o Turismo é pouco escolhido pelos mestres titulados nos 12 programas de pós-graduação *stricto sensu* afiliados à ANPTUR.

Em parte, isso pode dever-se à necessidade de aprofundamento em alguma teoria, quadro conceitual, tema e/ou objeto de estudo, no nível de doutorado. A opção por fazer o doutorado em Geografia, por parte de 31,6% dos mestres titulados no PPgTH-UNIVALI, pode significar uma continuidade no estudo e pesquisa em turismo, dentro de um enfoque geográfico. Todavia, a resposta certa para isso depende da leitura dessas teses de doutorado, algo que se encontra fora dos materiais e métodos da presente pesquisa.

No caso das IESs do doutorado, há destaques para dois dos cinco programas. Para os titulados no mestrado do PPgTH-UNIVALI, a Universidade Federal do Paraná destaca-se, com quatro dos 19 doutorados feitos lá (21% do total). Já para o PPgMT-UFRN, sete dos 14 doutorados ocorreram na mesma instituição de ensino superior, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Para quatro dos cinco programas, o doutorado ocorreu no mesmo país e na mesma unidade da federação do mestrado, com exceção do PPgTH-UNIVALI, nos quais o Paraná destaca-se, com cinco dos 17 doutorados feitos no Brasil.

Para os o conjunto dos 12 programas – doutorado dos mestres titulados –, não há nenhum destaque, no que concerne à área de formação, à IES e à unidade da federação. Para os países estrangeiros, Portugal é o principal destino do doutorado, com cinco títulos.

Como resumo, pode-se colocar o seguinte, para os 12 programas sob análise, no que concerne à eventual continuidade dos estudos (doutorado):

- a) a esmagadora maioria dos mestres titulados não faz o doutorado;
- b) o Turismo é pouco escolhido, dentre os mestres titulados que concluem (com sucesso) o doutorado – apenas 10 de 91 títulos (11% do total);
- c) são raras as situações nas quais o mestre titulado faz o doutorado na mesma IES do mestrado; poucos são os casos nos quais o mestre titulado faz o doutorado no mesmo programa do mestrado;
- d) no que concerne às áreas de formação e às IESs, o doutorado dos mestres titulados é marcado pela heterogeneidade. Por exemplo, a área de formação com mais títulos de doutorado é a Geografia, com 20 de 91 títulos (22% do total).

#### **4.5 Orientados dos docentes credenciados – mestrado e/ou doutorado e colocação profissional**

Na presente subseção, descreve-se, em linhas gerais, a colocação profissional atual dos mestres e/ou doutores formados nos 12 programas de pós-graduação *stricto sensu* sob análise, dentre aqueles para os quais foi possível recuperar essa informação. Que se note que, para algumas colocações profissionais, foi, também, possível recuperar a unidade da federação da organização, ao passo que, para outras, chegou-se, apenas, ao país.

Outro ponto importante para se ter em mente é que algumas pessoas constam dos dados de mais de um programa; por exemplo, no caso de ter o mestrado em um e o doutorado em outro programa.

A Tabela 3 traz, por programa, a distribuição dos titulados (mestrado e/ou doutorado), segundo sua colocação profissional, dividida nos seguintes tipos: i) IES pública; ii) IES privada; iii) IES “outra” (basicamente, sistema S, comunitária ou confessional); iv) poder público (com exceção de IES pública); v) iniciativa privada (com

exceção de IES privada); e vi) organização não governamental (ONG) (com exceção de IEs “outra”). Segue, abaixo, a Tabela 3.

Para os seis tipos supracitados, o com mais titulados é a IES pública. Nesse tipo, os institutos federais destacam-se, com 151 titulados empregados em 27 organizações. Os institutos federais com, pelo menos, 10 titulados empregados são os seguintes: i) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (27 titulados); ii) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (21); iii) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (18); iv) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (11); e v) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (11).

Além dessas 27 organizações, o Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro possui um e o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca três titulados. Por mais que não se tenha feito um levantamento sistemático do trabalho desse conjunto de titulados, dentro dessas IESs, foi possível perceber, durante a coleta manual, que a maioria trabalha como docente em turismo; são raros os casos de trabalho como funcionário técnico-administrativo, por mais que existam docentes alocados em cursos de outras áreas de conhecimento.

A abertura de novos cursos de turismo e a necessidade de ter, apenas, o mestrado para o ingresso, por meio de concurso público, têm grande contribuição para essa importância dos institutos federais, no que concerne à colocação profissional dos titulados.

As universidades federais são a colocação profissional de 119 titulados, por meio de 25 organizações. Há quatro universidades com, pelo menos, 10 titulados, a saber: i) Universidade Federal do Rio Grande do Norte (23); ii) Universidade Federal do Paraná (11); iii) Universidade Federal de Pelotas (10); e iv) Universidade Federal Fluminense (10). Dessas, apenas a Universidade Federal de Pelotas não possui uma pós-graduação *stricto sensu* em turismo ou área correlata.

As universidades estaduais empregam 54 titulados, por meio de 18 organizações. Com, pelos menos, 10 titulados, destacam-se as seguintes: i) Universidade de São Paulo (10 titulados); e ii) Universidade do Estado do Amazonas (10). Assim como a Universidade Federal de Pelotas, essa segunda organização não possui a pós-graduação *stricto sensu* em turismo.

O poder público é responsável pelo emprego de 153 titulados, com destaque para a Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (28) e a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (18). Todavia, não se trata de organizações que demandam titulados em turismo. Como visto anteriormente, esses números são o resultado de convênios firmados entre essas organizações e a Universidade Estadual do Ceará, por meio dos quais seus funcionários públicos concursados podiam fazer a pós-graduação *stricto sensu* nessa IES. Por meio da leitura dos currículos Lattes desse conjunto de titulados, percebe-se, facilmente, que a quase totalidade deles não trabalhava (antes do mestrado) com o turismo, nem sequer passaram a trabalhar, após a titulação, por mais que tenham produzido monografias sobre o turismo.

Há 152 titulados na iniciativa privada, por mais que nenhuma firma destaque-se, na condição de grande empregadora. Dentro dessas firmas, há várias agências de viagem e consultorias.

Em quarto lugar, as IES privadas empregam 106 titulados. Com, pelo menos, 10 titulados empregados, há, apenas, a Universidade Anhembi Morumbi (17).

**Tabela 3 – Colocação profissional dos orientados titulados (mestrado e/ou doutorado), por tipo de organização**

PROGRAMAS												
MPGNT-UECE		MPGT-IFS		PPgEC-UNIRIO		PPgHMD-UAM		PPgHT-UFPE		PPgT-USP		
Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	
Iniciativa privada	10	6,80%	9	28,13%	7	33,33%	33	25,19%	4	21,05%	11	19,64%
IES "outra"	2	1,36%	0	0,00%	0	0,00%	22	16,79%	0	0,00%	2	3,57%
IES privada	19	12,93%	3	9,38%	0	0,00%	38	29,01%	1	5,26%	2	3,57%
IES pública	46	31,29%	11	34,38%	8	38,10%	25	19,08%	10	52,63%	22	39,29%
ONG	7	4,76%	2	6,25%	2	9,52%	8	6,11%	0	0,00%	9	16,07%
Poder público	63	42,86%	7	21,88%	4	19,05%	5	3,82%	4	21,05%	10	17,86%
<b>TOTAL</b>	<b>147</b>	<b>100,00%</b>	<b>32</b>	<b>100,00%</b>	<b>21</b>	<b>100,00%</b>	<b>131</b>	<b>100,00%</b>	<b>19</b>	<b>100,00%</b>	<b>56</b>	<b>100,00%</b>
PROGRAMAS												
PPgTH-UCS		PPgTH-UNIVALI		PPgTP-UFOP		PPgT-UFF		PPgMT-UFPR		PPgMDT-UFRN		
Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	Número	% sobre o total	
Iniciativa privada	23	20,00%	17	10,12%	2	16,67%	11	20,00%	15	36,59%	10	8,47%
IES "outra"	32	27,83%	29	17,26%	0	0,00%	2	3,64%	0	0,00%	1	0,85%
IES privada	8	6,96%	23	13,69%	3	25,00%	4	7,27%	1	2,44%	4	3,39%
IES pública	32	27,83%	90	53,57%	4	33,33%	27	49,09%	14	34,15%	75	63,56%
ONG	5	4,35%	3	1,79%	2	16,67%	2	3,64%	3	7,32%	7	5,93%
Poder público	15	13,04%	6	3,57%	1	8,33%	9	16,36%	8	19,51%	21	17,80%
<b>TOTAL</b>	<b>115</b>	<b>100,00%</b>	<b>168</b>	<b>100,00%</b>	<b>12</b>	<b>100,00%</b>	<b>55</b>	<b>100,00%</b>	<b>41</b>	<b>100,00%</b>	<b>118</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Em quinto lugar, as IES “outras” empregam 90 titulados; mais de dois terços deles encontram-se em três organizações – Universidade de Caxias do Sul (28), Universidade do Vale do Itajaí (21) e Centro Universitário Senac (12). É interessante perceber como as IES confessionais, comunitários e ligadas ao Sistema S representam uma parcela diminuta do emprego dos titulados – ponto reforçado pelo fato de o emprego na Universidade de Caxias do Sul e na Universidade do Vale do Itajaí decorrer, em grande parte, de endogenia (titulação e emprego).

Na verdade, o emprego em IESs públicas é quase o dobro do verificado para IES privadas, confessionais, comunitárias e do Sistema S, o que é reflexo do recuo do ensino de turismo, nestas últimas, desde os anos 2000, assim como da expansão do ensino superior público, nas últimas décadas, inclusive por meio da criação dos institutos federais.

As organizações não governamentais respondem por 50 empregos; nenhuma organização em particular destaca-se.

É interessante notar como as colocações profissionais concentram-se nas grandes regiões Nordeste (300), Sudeste (252) e Sul (247); em número, o Norte (45) e o Centro Oeste (24) são pouco expressivos. Há, apenas, uma unidade da federação sem nenhum titulado empregado – o Estado de Rondônia.

No caso das características de cada programa específico, assim como de padrões gerais, cumpre destacar que o PPgTP-UFOP, o PPgHT-UFPE e o PPgEC-INIRIO têm, cada um, poucos titulados, em relação aos demais programas. Isso faz com que casos isolados alterem, significantemente, seus números. Em virtude disso, opta-se por não destacar esses programas, nas análises feitas. No restante da subseção, as análises consideram, apenas, os outros nove programas.

O MPGT-IFS, o PPgHMD-UAM e o PPgMT-UFPR são aqueles com mais alta porcentagem de titulados na iniciativa privada, por mais que nenhuma firma destaque-se, individualmente, para qualquer um deles. Há a predominância de pequenos negócios turísticos.

No caso das instituições de ensino superior “outras”, destaca-se, apenas, a Universidade de Caxias do Sul, em virtude de ela própria ser a principal empregadora dos titulados no PPgTH-UCS. Trata-se de uma regra para quase todos os 12 programas sob análise; a exceção é a Universidade Estadual do Ceará, a qual não se constitui como empregadora importante para os titulados no MPGNT-UECE. Ilustrativo disso é o papel da Universidade Anhembi Morumbi para as IES privadas; sozinha, essa organização responde por 17 dos 131 empregos de seus titulados (13% do total). A última subseção (4.7) traz os dados de endogenia para cada um dos 12 programas.

No caso do emprego em IESs públicas, a Universidade do Vale do Itajaí (53,6% de seu total), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (63,6%) e a Universidade Federal Fluminense (49,1%) destacam-se. No primeiro caso, trata-se do programa com o mais antigo doutorado em funcionamento do Brasil, com alta nota CAPES. Além de a própria IES (comunitária) empregar muitos de seus titulados (21), há sete universidades públicas federais e estaduais e institutos federais com mais de três titulados empregados, a saber: i) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (20); ii) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (nove); iii) Universidade do Estado do Amazonas (nove); iv) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (seis); v) Universidade Federal de Pelotas (cinco); vi) Universidade Federal do Rio Grande (quatro); e vii) Universidade Federal do Paraná (quatro). Ao olhar a colocação profissional em IES públicas, privadas e “outras”, é instrutivo perceber como os titulados da Universidade do Vale do Itajaí trabalham em todas as grandes regiões do país com números expressivos, e como eles formam a base do corpo docente de turismo de um

instituto federal localizado a milhares de quilômetros de distância, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte é uma grande empregadora de seus titulados (21). Além disso, tem formado quadros (em número expressivo) para outras IESs públicas do Nordeste ocidental – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (11), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (três), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (três), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (dois), Universidade Federal da Paraíba (cinco), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (dois) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (um). Apesar de não com a mesma intensidade vista para a Universidade do Vale do Itajaí, seus titulados podem ser encontrados em IESs públicas de várias partes do país.

No caso de organizações não governamentais, destaca-se a Universidade de São Paulo, com 16,1% de seu total, por mais que nenhuma organização específica destaque-se. Nenhuma delas responde por mais de um titulado empregado.

Para o poder público, destaca-se a Universidade Estadual do Ceará (42,9% de seu total), seguida pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (21,9%). No primeiro caso, isso decorre dos convênios supracitados. No segundo, os dados coletados não permitem, *per ipsum*, análises conclusivas, dentro dos materiais e métodos da presente pesquisa.

A considerar o trabalho na própria IES de formação (mestrado e/ou doutorado), oito programas têm nela o principal empregador de seus titulados, em porcentagens que vão de 12,5% (Universidade do Vale do Itajaí) a 23,3% do total (Universidade de Caxias do Sul). A exceção à regra é a Universidade Estadual do Ceará, com um número muito baixo – três de 147 (2% do total). Além da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará e da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará é um grande empregador (24 – 16,3% do total). Seria interessante verificar como se dá essa relação (Universidade Estadual do Ceará e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará), assim como os efeitos no ensino e na pesquisa do instituto federal supracitado, mas esses pontos fogem dos objetivos da presente pesquisa.

Por fim, para oito programas, a maioria dos titulados trabalha na mesma unidade da federação da IES, em números que vão de 50,9% (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) a 90,4% (Universidade Estadual do Ceará). A exceção à regra é a Universidade do Vale do Itajaí (43,3%). Disso, decorrem dois pontos, um específico ao programa e outro geral. O específico é que essa baixa porcentagem, para a Universidade do Vale do Itajaí, deve-se, sobremaneira, à capacidade de seus titulados de trabalhar em IESs localizadas nas cinco grandes regiões brasileiras.

O geral é que unidades da federação sem programas de pós-graduação *stricto sensu* afiliados à ANPTUR não atraem esses profissionais, seja para IESs, iniciativa privada, poder público e terceiro setor. Mesmo unidades da federação com destinos turísticos importantes – Minas Gerais e Bahia, notadamente – possuem poucos mestres e doutores em turismo, pelo menos dentre os formados no Brasil. Com exceção da Universidade do Vale do Itajaí, os titulados costumam permanecer na unidade da federação na qual se formam, seja no mestrado e/ou no doutorado.

#### **4.6 Docentes credenciados – ranking de orientação**

Dos 203 docentes credenciados, é possível elaborar alguns rankings, segundo o número de orientações. A Tabela 4 traz os três *rankings* montados, com suas 10 primeiras

posições, segundo o seguinte: i) número de orientações de mestrado; ii) número de orientações de doutorado; e iii) número de orientações de mestrado e de doutorado.

Segue, abaixo, a Tabela 4:

**Tabela 4 – Ranking dos docentes credenciados, segundo número de orientações concluídas com sucesso**

Docente	Orientações (Mestrado)	Classificação (M)	Orientações (Doutorado)	Classificação (D)	Orientações (Total)	Classificação (T)
Luzia N. M. T. Coriolano	79	1º	0	não há	79	1º
Sênia Regina Bastos	53	2º	2	23º	55	2º
Francisco Antonio dos Anjos	24	7º	20	1º	44	3º
Elizabeth Kyoko Wada	35	3º	4	11º	39	4º
Sara J. Gadotti dos Anjos	28	5º	8	3º	36	5º
Susana de Araujo Gastal	32	4º	2	23º	34	6º
Mirian Rejowski	24	7º	5	7º	29	7º
Josillete Pereira de Oliveira	25	6º	2	23º	27	8º
Sérgio Marques Júnior	16	13º	6	4º	22	9º
Sandra M. Farias Vasconcelos	21	9º	0	não há	21	10º
Luciano Torres Tricárico	11	23º	9	2º	20	11º
Aírton José Cavenaghi	18	10º	1	32º	19	12º
Francisco F. de Azevedo	13	18º	5	7º	18	14º
Luiz A. M. Mendes Filho	11	23º	6	4º	17	16º
Wilker R. de M. Nóbrega	10	29º	6	4º	16	21º
Anete Alberton	11	23º	5	7º	16	21º
Vania Beatriz M. Herédia	7	47º	5	7º	12	29º

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A Tabela 4 traz resultados esperados, dado que os programas são, na contagem de suas orientações, a mera reunião de seus docentes credenciados. Logo, programas com alto número de dissertações de mestrado e/ou teses de doutorado tendem a apresentar, *ceteris paribus*, mais pessoas no topo dos rankings elaborados.

Das 17 pessoas listadas na Tabela 4, cinco são do PPgTH-UNIVALI, quatro do PPgMT-UFRN, quatro do PPgHMD-UAM, dois do MPGNT-UECE e dois do PPgTH-UCS.

É instrutivo comparar o ranking de orientações de mestrado com o de orientações de doutorado. No topo, há, apenas, três docentes que aparecem, simultaneamente, nas 10 primeiras posições de ambos – Francisco Antonio dos Anjos, Sara Joana Gadotti dos Anjos e Mirian Rejowski.

Nas 10 primeiras posições do ranking de dissertações de mestrado, todos os docentes possuem o título de doutor, há, pelo menos, 20 anos, predominantemente na grande área Ciências Sociais (cinco), seguido por Ciências da Comunicação (dois) e Engenharia de Produção (dois). Isso é mais uma evidência da escassez de programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, até os anos 2000. Nas 10 primeiras posições, apenas Elizabeth Kyoko Wada e Mirian Rejowski fizeram o doutorado em turismo, em linha específica disso no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Nas 10 primeiras posições do ranking de teses de doutorado, a formação (doutorado) dos docentes nas 10 primeiras posições é mais diversificada, com o predomínio da Engenharia de Produção (três pessoas). Há, apenas, Mirian Rejowski com formação (doutorado) em turismo (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP).

#### 4.7 Endogenia – programas de pós-graduação *stricto sensu* e docentes credenciados

A Tabela 5 traz o cálculo de quatro endogenias, a saber:

- a) IES do programa e IES na qual o docente credenciado fez seu doutorado – ENDOGENIA 1;
- b) IES do programa e IES na qual o docente credenciado tem, pelo menos, uma formação (bacharelado/licenciatura, especialização, mestrado e/ou doutorado) – ENDOGENIA 2;
- c) unidade da federação da IES do programa e unidade da federação da IES na qual o docente credenciado fez seu doutorado – ENDOGENIA 3;
- d) unidade da federação da IES do programa e unidade(s) da federação da(s) IES(s) na(s) qual(is) o docente credenciado fez, pelo menos, uma formação (bacharelado/licenciatura, especialização, mestrado e/ou doutorado) – ENDOGENIA 4.

Segue, abaixo, a Tabela 5. O cálculo das quatro endogenias (1, 2, 3 e 4) foram calculadas, para o conjunto de 12 programas, a se levar em conta o total de 203 docentes únicos.

Para a ENDOGENIA 1, o conjunto de 12 programas sob análise tem índice igual a 21,18%, indo de 0,00% para o MPGT-IFS (essa IES não tem nenhum doutorado) até 76,92% para o PPgHT-UFPE. Há, aqui, dois pontos a frisar. Primeiro, a baixa ENDOGENIA 1 não se traduz, necessariamente, em uma formação (nível: doutorado) diversificada do corpo docente do programa. Um caso emblemático é o da Universidade do Vale do Itajaí. De seus 16 docentes credenciados, seis tem o doutorado nessa IES, com ENDOGENIA 1 igual a 37,50%, já acima daquela verificada para o conjunto de 12 programas (21,18%).

Todavia, a importância da Engenharia de Produção na formação do corpo docente decorre não da própria Universidade do Vale do Itajaí, mas da Universidade Federal de Santa Catarina – sete docentes credenciados no PPgTH-UNIVALI fizeram o doutorado lá, a maioria em Engenharia de Produção. Ou seja, essas duas IESs – Universidade do Vale do Itajaí e Universidade Federal de Santa Catarina – congregam, no quesito “formação no doutorado”, 13 dos 16 docentes credenciados no PPgTH-UNIVALI, com ENDOGENIA 1 (adaptada) igual a 81,25%.

Segundo, cumpre destacar que as três IESs do tipo “outra” – Universidade Anhembi Morumbi (privada) e Universidade de Caxias do Sul e Universidade do Vale do Itajaí (comunitárias) – possuem índices de ENDOGENIA 1 mais altos do que aquele verificado para o conjunto de 12 programas. Contudo, por meio dos materiais e métodos da presente pesquisa, não é possível explicar esse fenômeno.

Para o conjunto de 12 programas, o índice da ENDOGENIA 2 é quase o dobro do verificado para a ENDOGENIA 1, chegando a 40,89%. Dos 12 programas, há sete com índice de ENDOGENIA 2 abaixo de 50%. Ou seja, isso significa que mais da metade dos docentes credenciados, para cada um desses sete casos, não tem nenhuma parte de sua formação feita na IES do programa. Pegando os quatro programas com mais baixos índices de ENDOGENIA 2, percebe-se que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Federal Fluminense combinam isso com altos índices de ENDOGENIA 3 e principalmente de ENDOGENIA 4.

**Tabela 5 – Endogenia dos docentes credenciados**

<b>Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu</b>	<b>Instituição de Ensino Superior</b>	<b>Docentes Credenciados</b>	<b>Docentes Endógenos (1)</b>	<b>ENDOGENIA 1</b>	<b>Docentes Endógenos (2)</b>	<b>ENDOGENIA 2</b>	<b>Docentes Endógenos (3)</b>	<b>ENDOGENIA 3</b>	<b>Docentes Endógenos (4)</b>	<b>ENDOGENIA 4</b>
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos	Universidade Estadual do Ceará	13	1	7,69%	7	53,85%	2	15,38%	11	84,62%
Mestrado Profissional em Gestão do Turismo	Instituto Fed. de Educ., Ciênc. e Tecn. de Sergipe	20	0	0,00%	2	10,00%	10	50,00%	17	85,00%
Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	22	1	4,55%	3	13,64%	12	54,55%	20	90,91%
Programa de Pós-Grad. em Hospitalidade - Mestrado e Doutorado	Universidade Anhembi Morumbi	15	4	26,67%	5	33,33%	14	93,33%	14	93,33%
Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo	Universidade Federal de Pernambuco	13	10	76,92%	12	92,31%	10	76,92%	12	92,31%
Programa de Pós-Graduação em Turismo	Universidade de São Paulo	19	9	47,37%	11	57,89%	14	73,68%	15	78,95%
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade	Universidade de Caxias do Sul	17	4	23,53%	10	58,82%	10	58,82%	16	94,12%
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajai	16	6	37,50%	10	62,50%	13	81,25%	14	87,50%
Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio	Universidade Federal de Ouro Preto	22	1	4,55%	10	45,45%	13	59,09%	17	77,27%
Programa de Pós-Graduação em Turismo	Universidade Federal Fluminense	15	2	13,33%	3	20,00%	9	60,00%	11	73,33%
Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo	Universidade Federal do Paraná	13	3	23,08%	3	23,08%	3	23,08%	4	30,77%
Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Turismo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	20	2	10,00%	7	35,00%	2	10,00%	9	45,00%
<b>CONJUNTO DE 12 PROGRAMAS</b>		<b>43</b>	<b>21,18%</b>	<b>83</b>	<b>40,89%</b>	<b>112</b>	<b>55,17%</b>	<b>160</b>	<b>78,82%</b>	

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Aponta-se, novamente, o seguinte: baixa endogenia não significa, necessariamente, formação diversificada. No caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, seu corpo docente é proveniente, majoritariamente, da Universidade Federal de Sergipe, em seus vários níveis de formação. Para a Universidade Federal Fluminense e para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, muitos de seus docentes credenciados têm formação (níveis diversos) na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Isso gera algo que é, no mínimo, “*curioso*”, a saber:

- a) há IESs sem programa de pós-graduação *stricto sensu* afiliado à ANPTUR, mas que são responsáveis pela formação (nível: doutorado e outros níveis) de muitos docentes credenciados, inclusive com alto peso em alguns programas específicos. Exemplos disso são a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal de Sergipe e a Universidade Federal do Rio de Janeiro;
- b) há IESs com programa de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, mas que são pouco importantes na formação dos docentes credenciados, inclusive de seu próprio programa. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Paraná são representativos desse grupo, mesmo com a inclusão de todos os níveis de formação no cálculo.

No caso da ENDOGENIA 3, percebe-se, para o conjunto, que pouco mais da metade dos docentes credenciados fizeram o doutorado na mesma unidade da federação de seu programa. Essa média é “*puxada*” para baixo pelo PPgMT-UFRN e por dois dos três programas sediados na Grande Região Nordeste (MPGNT-UECE e PPgMT-UFRN). Acerca da ENDOGENIA 4, para nove dos 12 programas, mais de três quartos de seus docentes credenciados têm, pelo menos, uma formação na unidade da federação do programa. E, na Universidade Federal Fluminense, esse índice chega a 73,33%.

A verificar os dados relativos às unidades da federação, por meio da ENDOGENIA 3 e principalmente da ENDOGENIA 4, há, apenas, o PPgMT-UFRN e o PPgMT-UFRN com a maior parte de seu corpo docente com formação inteira feita em outros estados. No caso do PPgMT-UFRN, com ENDOGENIA 4 igual a 30,77%, a maior parte de seus docentes credenciados fez seu doutorado na Grande Região Sul e no Estado de São Paulo. Ou seja, a maior parte dos doutorados foi feita em estados próximos.

Com ENDOGENIA 3 igual a 10% - a mais baixa dentre os 12 programas -, o PPgMT-UFRN tem o corpo docente com formação (nível: doutorado) realizada, majoritariamente, fora da Grande Região Nordeste. Com 25% dos docentes credenciados com doutorado no exterior (Espanha [três professores], Nova Zelândia [um] e República da Irlanda [um]), trata-se do único programa com poucos credenciados que fizeram seu doutorado na mesma grande região da IES.

Por fim, cumpre destacar a posição do PPgHT-UFPE, o qual possui a mais alta ENDOGENIA 2 (92,31%) – a segunda colocada (Universidade do Vale do Itajaí) tem índice igual a 62,50% - e a mais alta ENDOGENIA 1 (76,92%). Trata-se de um programa composto, majoritariamente, por docentes credenciados formados na própria IES, principalmente com doutorado em seu Programa de Pós-Graduação em Administração.

A julgar pelos dados coletados, o PPgHT-UFPE é o único programa que apresenta certa homogeneidade na formação de seu corpo docente, tanto na área quanto na IES, dentro de um conjunto marcado, de forma geral, pela heterogeneidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo oferece uma análise original e sistemática da genealogia acadêmica e dos níveis de endogenia nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, algo ainda pouco explorado no campo. Ao abranger todos os 12 programas afiliados à ANPTUR, garante um panorama amplo e representativo da realidade brasileira. As análises realizadas neste estudo permitem “lançar luz” sobre as dinâmicas formativas, os vínculos acadêmicos e os padrões institucionais que estruturam o campo da pós-graduação *stricto sensu* em turismo no Brasil.

A partir da abordagem genealógica e do cálculo das métricas de endogenia, foi possível identificar níveis expressivos de concentração de orientações em poucos docentes, forte permanência institucional e territorial dos profissionais formados e baixa continuidade acadêmica entre os egressos de mestrado. Tais evidências sugerem que, embora o campo tenha experimentado uma expansão importante, nas últimas décadas, enfrenta, ainda, desafios significativos em termos de mobilidade intelectual, diversificação de vínculos interinstitucionais e renovação dos quadros docentes.

A predominância de formações em áreas como Administração e Geografia, em detrimento de doutorados específicos em Turismo, reflete as limitações históricas na oferta de programas doutoriais na área, ao mesmo tempo em que evidencia a interdependência entre o turismo e outras disciplinas. As taxas de endogenia observadas, especialmente em instituições comunitárias e privadas, devem ser analisadas com cautela. Se, por um lado, podem indicar continuidade e estabilidade institucional, por outro podem limitar a abertura a novas perspectivas e práticas pedagógicas e científicas.

Diante disso, recomenda-se a adoção de políticas públicas e institucionais que favoreçam a mobilidade acadêmica, o intercâmbio interprogramas e a inserção internacional, como estratégias para fortalecer a pesquisa em turismo no Brasil, diversificar as matrizes formativas, e ampliar o impacto do conhecimento produzido no campo de conhecimento. Ademais, torna-se imprescindível fomentar pesquisas que adotem perspectivas interseccionais, territorializadas e críticas, capazes de dar conta das múltiplas desigualdades que atravessam o turismo como fenômeno social, cultural e econômico. Tal esforço contribuirá não apenas para a consolidação científica do campo, mas também para sua relevância social, em um país marcado por desigualdades profundas e por intensas transformações no uso e no significado dos territórios turísticos.

Para um país com as dimensões continentais do Brasil, há notada escassez de programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, principalmente no nível de doutorado. Isso é acompanhado pela exiguidade de programas de pós-graduação *stricto sensu* nas áreas correlatas de lazer e de hospitalidade. Disso, decorrem duas consequências.

Primeiro, há várias unidades da federação sem nenhum programa, inclusive estados importantes para o mercado turístico brasileiro e duas grandes regiões (Norte e Centro Oeste). A Bahia e Minas Gerais não possuem nenhum programa de pós-graduação *stricto sensu* em turismo; os resultados mostram que poucos titulados nos 12 programas sob análise trabalham nesses estados. Isso gera consequências não apenas para o ensino e a pesquisa em turismo, mas, a julgar pela empregabilidade dos titulados, para as políticas públicas e para as firmas privadas, as quais trabalham com o turismo. Como os resultados mostraram, os titulados costumam trabalhar na mesma unidade da federação na qual se formam.

Segundo, o baixo número de doutorados em funcionamento representa, *ceteris paribus*, um impedimento para muitos mestres em turismo, no que concerne à continuidade de seus estudos. Pelos números, isso inclui mestres em turismo que trabalham em instituições de ensino superior. Por exemplo, é provável que muitos dos 151 titulados

empregados em 27 institutos federais tenham, apenas, o mestrado. A escassez de doutorados representa, para alguns, a impossibilidade de continuar a formação em sua área (turismo) ou mesmo de fazer o doutorado.

É interessante traçar um paralelo entre a predominância de Administração e Geografia (nível: doutorado) e as lacunas verificadas e a produção científica do campo no Brasil. Köhler e Digiampietri (2023) mostram que a estrutura intelectual dos periódicos brasileiros de turismo, medida por meio das referências bibliográficas de seus artigos, guardam relação com a Administração e a Geografia, e se baseiam, preponderantemente, em pesquisa com métodos qualitativos.

Acerca disso, os materiais e métodos da presente pesquisa não conseguem traçar uma relação entre a formação acadêmica dos docentes credenciados – e, de forma agregada, de cada programa em específico – e sua produção científica. Trata-se de um caminho promissor de pesquisa, a fim de verificar como se dá a produção de cada programa de pós-graduação *stricto sensu* em turismo – docentes credenciados, discentes e egressos.

Por fim, cumpre apontar a principal limitação da presente pesquisa. Ela atém-se, exclusivamente, aos docentes credenciados atuais (21 de setembro de 2023) e seus orientados, sem ter conseguido contemplar todos os titulados nos programas sob análise. Além disso, não se conseguiu verificar, dentre os titulados, aqueles com o doutorado em andamento. Trata-se, desse modo, de uma pesquisa cuja atualização, daqui a alguns anos, poderá ajudar a verificar se vários dos resultados expostos nesse artigo mantém-se ou não.

## REFERÊNCIAS

- BERELSON, Bernard. **Graduate education in the United States**. New York: McGraw-Hill, 1960.
- COADIC, Yves-François Le. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.
- COTA, João M. M. C.; LAENDER, Alberto H. F.; PRATES, Raquel O. Árvore da ciência: uma plataforma para exploração da genealogia acadêmica brasileira. In: SEMINÁRIO INTEGRADO DE SOFTWARE E HARDWARE (SEMISH), 48., 2021, Evento Online. *Anais* [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 288-298. Disponível em: <<https://doi.org/10.5753/semish.2021.15834>>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- DAMACENO, Rafael J. P.; ROSSI, Luciano; MUGNAINI, Rogério; MENA-CHALCO, Jesús P. The Brazilian academic genealogy: evidence of advisor-advisee relationships through quantitative analysis. **Scientometrics**, v. 119, p. 303-333, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11192-019-03023-0>>. Acesso em: 02 jul. 2025.
- DE KADT, Emanuel Jehuda (org.). **Tourism – passport to development?**: perspectives on the social and cultural effects of tourism in developing countries. New York: Oxford University Press, 1979.
- EISENBERG, Theodore; WELLS, Martin T. Inbreeding in law school hiring: assessing the performance of faculty hired from within. **Journal of legal studies**, v. 29, n. 1, p. 369-388, 2000.

HENKEL, Mary. Responsiveness of the subjects in our study: a theoretical perspective. In: BOYS, Chris J.; BRENNAN, John; HENKEL, Mary; KIRKLAND, John; KOGAN, Maurice; YOULL, Penny. **Higher education and the preparation for work**. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 1989.

HORTA, Hugo; VELOSO, Francisco M.; GREDIAGA, Rocio. Navel gazing: Academic inbreeding and scientific productivity. **Management science**, v. 56, n. 3, p. 414–429, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1287/mnsc.1090.1109>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

HORTA, Hugo; SATO, Machi; YONEZAWA, Akiyoshi. Academic inbreeding: exploring its characteristics and rationale in Japanese universities using a qualitative perspective. **Asia Pacific education review**, v. 12, n. 1, p. 35-44, 2011. Disponível em: <[https://www.acup.cat/sites/default/files/hortasatoyonezawaacademicinbreedingexploringitscharacteristicsandrationaleinjapaneseuniversitiesusin\\_0.pdf](https://www.acup.cat/sites/default/files/hortasatoyonezawaacademicinbreedingexploringitscharacteristicsandrationaleinjapaneseuniversitiesusin_0.pdf)>. Acesso em: 27 mai. 2025.

HORTA, Hugo. Deepening our understanding of academic inbreeding effects on research information exchange and scientific output: new insights for academic based research. **Higher education**, v. 65, n. 4, p. 487-510, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/230703627\\_Deepening\\_our\\_understanding\\_of\\_academic\\_inbreeding\\_effects\\_on\\_research\\_information\\_exchange\\_and\\_scientific\\_output\\_New\\_insights\\_for\\_academic\\_based\\_research](https://www.researchgate.net/publication/230703627_Deepening_our_understanding_of_academic_inbreeding_effects_on_research_information_exchange_and_scientific_output_New_insights_for_academic_based_research)>. Acesso em: 27 jun. 2025.

JAFARI, Jafar. Tourism models: the sociocultural aspects. **Tourism management**, v. 8, n. 2, p. 151-159, 1987. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0261517787900239>>. Acesso em: 09 jun. 2025.

KÖHLER, André Fontan; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. O campo de turismo no Brasil: caracterização e análise da rede de pesquisadores e sua dinâmica regional. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 26, n. 2, p. 58-82, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5344/4030>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

KÖHLER, André Fontan; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. Periódicos científicos brasileiros de turismo (1990-2018): avaliação de sua estrutura intelectual por meio de acoplamento bibliográfico. **Revista turismo em análise**, v. 33, n. 2, p. 235-258, 2022a. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/rta/article/view/198401/191354>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

KÖHLER, André Fontan; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. Periódicos brasileiros de turismo: endogenia, dependência e representação de instituições, unidades da federação e grandes regiões. **Encontros bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 27, p. 1-28, 2022b. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/85796/49556>>. Acesso em: 10 jun. 2025.

KÖHLER, André Fontan; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio. Periódicos brasileiros de turismo: avaliação de sua estrutura intelectual, por meio do método de acoplamento

bibliográfico (autores e documentos). **Brazilian journal of information science: research trends**, v. 17, p. 1-39, 2023. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/13057/12634>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

KOSEOGLU, Mehmet Ali; RAHIMI, Roya; OKUMUS, Fevzi; LIU, Jingyan. Bibliometric studies in tourism. **Annals of tourism research**, v. 61, p. 180-198, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.10.006>>. Acesso em: 02 mai. 2025.

MARENCO, André; BRUXEL, Marília; CATE, Lidia Ten. Um lugar fora das ideias: a área de políticas públicas no Brasil. **Revista de sociologia e política**, v. 32, p. 1-20, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-98732432e003>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

MATHIESON, A.; WALL, G. **Tourism: economic, physical, and social impacts**. London: Longman, 1982.

MOURA, Vanessa Paula Alves de. **A contribuição da associação entre genealogia acadêmica e bibliometria para a avaliação de programas de pós-graduação**. Orientador: Leandro Innocentini Lopes de Faria. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/5907d614-69d0-4659-b118-92af3ce29474/content>>. Acesso em: 15 mai. 2025.

MOURA, Vanessa Paula Alves de; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de. A contribuição da genealogia acadêmica para a construção de indicadores bibliométricos. **Em questão**, v. 27, n. 1, p. 336-360, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/101444/59321>>. Acesso em: 18 mai. 2025.

OKUMUS, Fevzi; NIEKERK, Mathilda van; KOSEOGLU, Mehmet Ali; BILGIHAN, Anil. Interdisciplinary research in tourism. **Tourism management**, v. 69, p. 540-549, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.05.016>>. Acesso em: 07 jul. 2025.

OLIVEIRA, Carlos Alexandre; OLIVEIRA, Marlene; DIAS, Thiago Magela Rodrigues; COSTA; Belkiz Inez Resende. Genealogia acadêmica dos pesquisadores da área de ciência da informação: um estudo sobre os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq). **Em questão**, v. 24, n. 6, p. 278-298, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/86929/52349>>. Acesso em: 22 mai. 2025.

PAVAN, C; BARBOSA, M. C. Article processing charge (APC) for publishing open access articles: the Brazilian scenario. **Scientometrics**, v. 117, p. 805-823, 2018. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-018-2896-2>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

PELEGRINI, Tatiane; FRANÇA, Marco Túlio Aniceto. Endogenia acadêmica: insights sobre a pesquisa brasileira. **Estudos econômicos**, v. 50, n. 4, p. 573-610, 2020.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/165272/165873>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ROSSI, Luciano; DAMACENO, Rafael J. P.; MENA-CHALCO, Jesús P. Genealogia acadêmica: um novo olhar sobre impacto acadêmico de pesquisadores. **Revista parcerias estratégicas**, v. 23, n. 47, p. 197-212, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Luciano-Rossi/publication/326960663\\_Genealogia\\_academica\\_Um\\_novo\\_olhar\\_sobre\\_impacto\\_academico\\_de\\_pesquisadores\\_Revista\\_Parcerias\\_Estrategicas/links/5ccc4d94458515712e901b00/Genealogia-academica-Um-novo-olhar-sobre-impacto-academico-de-pesquisadores-Revista-Parcerias-Estrategicas.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luciano-Rossi/publication/326960663_Genealogia_academica_Um_novo_olhar_sobre_impacto_academico_de_pesquisadores_Revista_Parcerias_Estrategicas/links/5ccc4d94458515712e901b00/Genealogia-academica-Um-novo-olhar-sobre-impacto-academico-de-pesquisadores-Revista-Parcerias-Estrategicas.pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2025.

SHELDON, Pauline J. An authorship analysis of tourism research. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 3, p. 473-484, 1991. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016073839190053E>>. Acesso em: 29 set. 2025.

SUGIMOTO, Cassidy R. Academic genealogy. In: CRONIN, Blaise; SUGIMOTO, Cassidy R. (Eds.). **Beyond bibliometrics**: harnessing multidimensional indicators of scholarly impact. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2014. p. 365-382.

TAVARES, Orlando; LANÇA, Vasco; AMARAL, Alberto. Academic inbreeding in Portugal: does insularity play a role? **Higher education policy**, V. 30, n. 3, p. 381-399, 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1057/s41307-016-0029-1>>. Acesso em: 02 jul. 2025.

TRIBE, John. The indiscipline of tourism. **Annals of tourism research**, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0)>. Acesso em: 19 mai. 2025.

TRIBE, John. Indisciplined and unsubstantiated. **Annals of tourism research**, v. 27, n. 3, p. 809-813, 2000. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(99\)00122-X](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(99)00122-X)>. Acesso em: 14 jun. 2025.

TRIBE, John. Tribes, territories and networks in the tourism academy. **Annals of tourism research**, v. 37, n. 1, p. 7-33, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.05.001>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

TURNER, Louis; ASH, John. **The golden hordes**: international tourism and the pleasure periphery. New York: St. Martin's Press, 1976.